

Canoa de um Pau Só, Patrimônio Cultural do Pantanal: Modo de Fazer, Processo de Musealização e Direito de Navegar Sem Medo

Dugout canoe, Cultural Heritage of the Pantanal: Method of Construction, Musealization Process, and the Right to Navigate Without Fear

Enviado em: 07-03-2024

Aceito em: 27-06-2024

Luciano Pereira da Silva¹

Manuela Areias Costa²

Resumo

Propomos reflexões sobre a relação entre meio ambiente, território e patrimônio cultural de povos indígenas e pescadores tradicionais do Pantanal brasileiro, por meio da análise do modo de fazer a “canoa de um pau só”. A compreensão dessa relação intrínseca será fundamental para refletir sobre a salvaguarda desse bem cultural e o processo de musealização. A “canoa de um pau só” é o símbolo maior da pesca tradicional, agregando saberes e fazeres representados em diversos objetos e técnicas. Esse tipo de canoa apresenta-se como alternativa para a pesca dentro da mata em período de cheias do Pantanal, e vincula sua produção e uso à crise climática. A embarcação é o principal meio de transporte para os Guató, retratados em fontes escritas como os “índios canoieiros” do Pantanal, e objeto de desejo para pescadores artesanais. Em termos metodológicos, o levantamento sobre a “canoa de um pau só” tomou como base os dados coletados em entrevistas com detentores do saber e o termo de doação de um exemplar desse bem, da Colônia Z-2 de pescadores para o “Museu Histórico Municipal de Cáceres, Emilia Darci de Souza Cuyabano”.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Canoa de um Pau Só, Pantanal

Abstract

We propose reflections on the relationship between the environment, territory and cultural heritage of indigenous peoples and traditional fishermen in the Brazilian Pantanal, through the analysis of the way of making the “one-stick canoe”. Understanding this intrinsic relationship will be fundamental to reflect on the safeguarding of this cultural asset and the museumization process. The “one-stick canoe” is the greatest symbol of traditional fishing, bringing together knowledge and practices represented in different objects and techniques. This type of canoe presents

1Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: lucianopatrimoniomt@gmail.com

2Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do curso de Graduação em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: manuelaareiasc@gmail.com

itself as an alternative for fishing within the forest during periods of flooding in the Pantanal, and links its production and use to the climate crisis. The vessel is the main means of transport for the Guató, portrayed in written sources as the “canoe Indians” of the Pantanal, and an object of desire for artisanal fishermen. In methodological terms, the survey on the “one-stick canoe” was based on data collected in interviews with holders of knowledge and the donation agreement of a copy of this item, from the Z-2 fishermen's Colony to the “Historical Museum Municipal Council of Cáceres, Emilia Darci de Souza Cuyabano”.

Keywords: Cultural heritage, Dugout canoe, Pantanal

Introdução

“[...] quando soltaram, eu comecei a rodear sem medo de fazer o que estava fazendo, tentando aprender sem medo, como se fosse uma criança. Ia entrar com medo? Eu não, eu entrei sem medo” (Lourenço Pereira Leite).³

Este artigo discute a “canoa de um pau só”, também denominada “canoa monóxila”, “canoa pantaneira” e “canoa guató”. No estado de Mato Grosso, o modo de fazer a canoa de um pau só, comum na região do Pantanal do referido estado e, também, de Mato Grosso do Sul, foi registrado como Patrimônio Imaterial – sob a denominação de canoa pantaneira – em 2010, conforme consta na Portaria n. 016/2010 do Diário Oficial do Estado de Mato Grosso. O pedido de estudos que visou o “tombamento da canoa pantaneira e sua forma rústica de produção”, partiu do presidente da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, em fevereiro de 2010 e, no mês seguinte, foi publicado em Diário Oficial o registro do bem como patrimônio imaterial. O documento descritivo do bem cultural situa que os artesãos que as confeccionam também possuem destreza na produção de outros objetos, como colheres e gamelas, além disso, participam das manifestações de cururu e siriri (SECEL, 2010, p. 2).

O levantamento sobre a canoa de um pau só realizado para essa pesquisa tomou como base, dados coletados em entrevistas com detentores do saber, não se tratando, portanto, de uma etnografia pautada na descrição, por meio de observação. A produção desse tipo de embarcação, conforme será visto, é um saber pertencente a poucos mestres, cujo conhecimento é transmitido de geração a geração e, reconhecidamente, um patrimônio cultural imaterial do Pantanal, que expressa de forma muito contundente a sua coexistência com o meio ambiente, território, povos indígenas e pescadores tradicionais.

³Relato da sua experiência de quando conduziu sozinho, pela primeira vez, aos cinco anos de idade (em 1975), uma canoa de um pau só.

As canoas monóxilas estão diretamente associadas à criação da navegação, por meio de um tronco de árvore escavado. Esse tipo de embarcação esteve presente em todos os continentes, nos mais longevos tempos e em diversas culturas. A origem dessas canoas remonta ao período mesolítico, quando as comunidades montavam acampamentos para pesca e coleta, considerados como processo de sedenterização sazonal em uma estação específica (NEMETH, 2011). As suas características marcantes são a rusticidade, o uso de poucas ferramentas e matéria-prima na sua confecção, a versatilidade para as mais diversas demandas e necessidades, a vivacidade por milênios e, nos dias atuais, se encontram em acelerado ritmo de extinção em todas as regiões do Brasil (IPHAN, 2008; ALVES, 2013; NEMETH, 2011).

As pesquisas historiográficas e etnohistóricas realizadas sobre as canoas indígenas contribuem para compreensão de técnicas, distintas denominações, tipologias, usos e matérias-primas utilizadas para navegação (WAGNER; SILVA, 2022; ALVES-CÂMARA, 1976). No tocante às pesquisas sobre a canoa monóxila do Pantanal, as fontes documentais são relatos e narrativas de viajantes e oficiais do Estado, desde o período colonial. Salientamos a relevância em produzir e inventariar pesquisas históricas, arqueológicas, etnoarqueológicas, etnográficas e de outras áreas do conhecimento, que substancializem informações sobre a canoa monóxila do Pantanal. Os resultados podem fornecer elementos sobre os usos das canoas, desde as primeiras ocupações humanas até os dias atuais, revelando questões como deslocamento, relações sociais, apropriação, obtenção, uso dos recursos naturais, conflitos entre os povos indígenas e distintas interações étnicas com as coroas portuguesas e espanholas.

A ocupação mais remota no Pantanal, em termos cronológicos, é de pouco mais de 8.000 anos antes do presente, com povos canoeiros nas escarpas e nos planaltos residuais que contornam a planície alagada. Esta datação foi obtida no aterro denominado “MS-CP-16”, localizado na região de Jacadigo, município de Corumbá. Para o cenário do Rio Paraguai, principal artéria fluvial da região, existem referências do século XVIII sobre os Paiaguá, povo indígena que dominou a parte sul desse rio, para o qual a canoa era o “símbolo máximo de representação da cultura”. Nos documentos entre os séculos XVI e XVII, o uso das canoas é citado sem detalhamentos, como as dimensões e o tipo de material utilizado. A partir do século XVIII, pormenores como agilidade, comprimento, largura e forma do remo são informados pelos relatos de jesuítas, com distinção entre aquelas utilizadas para pesca e viagens cotidianas e outras para guerra. As fontes evidenciam técnicas de

confeção, caracterizadas por um tronco escavado (MAGALHÃES, 1999, p. 137; VANGELISTA, 2010, 2015).

A canoa de um pau só é o símbolo maior da pesca tradicional, agregando saberes e fazeres representados nos diversos objetos utilizados para sua confecção e técnicas adotadas para sua produção. Esse tipo de canoa apresenta-se como alternativa para a pesca dentro da mata em período de cheias do Pantanal, sendo o principal meio de transporte para os Guató, considerados os mais antigos e últimos canoeiros pertencentes aos grupos originários do Pantanal. Como argumentou Jorge Eremites de Oliveira (2023, p. 165) sobre os Guató, “Sua presença na região remete à temporalidades bastante longínquas, haja vista que as comunidades Guató estabelecidas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, se identificam com os aterros indígenas ali estudados no âmbito da arqueologia [...]”

Em relação à organização do artigo, o texto está estruturado em quatro tópicos. No primeiro, discutiremos as memórias dos detentores do saber e a coexistência das comunidades do Pantanal com o território e o meio ambiente, onde interagem distintos patrimônios culturais, como a canoa de um pau só. Os bens culturais relacionados às comunidades tradicionais que habitam esse cenário, e que empreendem diversas lutas para manutenção da reprodução cultural e sua própria sobrevivência diante do sistema econômico vigente, podem ser considerados patrimônios contra hegemônicos. Na sequência, debateremos os saberes e fazeres associados à canoa de um pau só, por meio das memórias e experiências de Lourenço, e a existência de patrimônios dissonantes, sensíveis e difíceis, que resistem e se transformam diante de aspectos como: desterritorialização, mudanças climáticas, restrições ambientais, fatores intergeracionais e avanço de empreendimentos hidrelétricos e do agronegócio. Em terceiro, abordaremos a salvaguarda desse bem cultural, o fenômeno da crise climática, a restauração florestal como possível plano de salvaguarda a longo prazo e o aproveitamento imediato de árvores mortas pelos incêndios do Pantanal em 2020. Por derradeiro, analisaremos o termo de doação da canoa de um pau só para o “Museu Histórico Municipal de Cáceres, Emilia Darci de Souza Cuyabano” e o processo de musealização desse patrimônio reivindicado pela comunidade.

Memórias, territórios e práticas de resistência

De acordo com os relatos de Anísio Guilherme da Fonseca,⁴ conhecido como Anísio Guató, residente do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, onde atua como professor de geografia, os Guató tornaram-se respeitados pelo manejo certeiro do arco e eram grandes construtores de canoas de troncos de árvores, conseguindo sobreviver semanas nessas embarcações, caso fosse preciso. Anísio relatou os processos de luta dos Guató pelo reconhecimento do grupo, considerados povos extintos em meados do século XX.⁵ Os chamados “índios canoeiros” deixaram a condição de “desaparecidos” somente na década de 1970, quando vários de seus remanescentes foram localizados, principalmente, na periferia de Corumbá, como no bairro Cristo Redentor, local de residência de lideranças do povo Guató como o senhor Severo Ferreira e sua esposa, dona Dalva Ferreira.⁶ Anísio recordou o grande número de indígenas mortos na região e a atuação destruidora do agronegócio, mencionando que a expulsão dos Guató de seus territórios ocorreu de modo intenso entre os anos de 1980 e 2000.⁷

O professor mencionou que entre as manifestações culturais do povo Guató se destacam o conhecimento sobre a fabricação da viola de cocho e da canoa de um pau só – vinculando esses bens culturais à identidade Guató e à originalidade de seu povo – incorporados, posteriormente, como patrimônio cultural pantaneiro. O conjunto da materialidade associada à cultura guató, como a viola de cocho e a canoa de um pau, relaciona questões como territorialidade e matéria-prima. Anísio ressaltou a sua preocupação em relação à reprodução dessas práticas culturais do povo Guató, ao mesmo tempo que comentou sobre as experiências seculares dos Guató com o manejo do meio ambiente na região pantaneira. Nesse contexto, apontou os desafios das futuras gerações em manter e transmitir a tradição oral, cultural e ancestral, diante da apropriação de seus territórios e do impacto das mudanças climáticas no tocante aos seus patrimônios culturais. Relatou, igualmente, o diálogo fundamental entre o conhecimento tradicional e o científico para a luta por conquista de direitos e visibilidade das práticas culturais guató, e a relação entre história oral, patrimônio cultural e salvaguarda dos bens culturais dos povos originários.

4A entrevista com Anísio Guató foi realizada em outubro de 2023, na residência das lideranças de etnia Guató, Severo Ferreira e Dalva Ferreira, localizada no bairro Cristo Redentor, em Corumbá-MS.

5Sobre o processo histórico de construção da invisibilidade do povo Guató na região brasileira do Pantanal (de MT e MS), iniciado na década de 1920, ver: OLIVEIRA, 2023.

6Entrevista com Anísio Guató, 2023, Corumbá-MS.

7Idem.

Pescadores artesanais e indígenas do Pantanal têm a pesca como a principal atividade de subsistência e econômica, prática que atravessa gerações. A manutenção desse saber perpassa pela transmissão das técnicas que envolvem a atividade pesqueira, ameaçada pela crise ambiental, climática, econômica e política. Tais situações impactam ambientalmente os rios – reduzem os estoques pesqueiros e encarecem os insumos – o desenvolvimento das práticas culturais e ainda dificultam o uso dos objetos e apetrechos de pesca e a confecção da canoa feita de um “pau só”, sendo ela de um único tronco de árvore, como guarandi, cambará, araputanga, cedro rosa e ximbuva.

Os trabalhos realizados pela “Comissão de Registro de Saberes Imateriais dos Pescadores e das Pescadoras Tradicionais no Município de Cáceres” (AREIAS COSTA; SILVA, 2021),⁸ evidenciaram que pescadores e pescadoras de Mato Grosso estão em ambientes fortemente controlados pelo capital financeiro e por interesses políticos. Ao mesmo tempo, tratam de territórios que concentram práticas culturais e valores, os quais são fontes de reivindicações e reconhecimento. Os territórios tradicionais de pesca são lugares de memória e espaços de resistência, pois a história, o trabalho e a cultura dos pescadores são indissociáveis destes espaços, essenciais para reprodução cultural do grupo. Neles manifestam tradições, saberes, costumes, laços de pertencimento e de luta. As pesquisas identificaram situações de conflitos e violação de direitos fundamentais dessas comunidades que praticam e vivem da atividade pesqueira. Os interesses do segmento da pesca esportiva pelos seus territórios, o ambientalismo governamental e empresarial e o agronegócio são visíveis, tencionando para retirar os pescadores artesanais do rio (AREIAS COSTA; SILVA, 2021).

O conhecimento dos pescadores artesanais tradicionais mais antigos, portadores de saberes, conhecedores dos lugares de memória e usuários dos rios, mostram a coexistência com as águas, peixes, flora e fauna, estações do ano e ciclos lunares. Seus objetos e apetrechos de pesca intermediam toda essa relação passada por gerações. Os embates existentes acerca da continuidade da confecção e reprodução cultural da canoa de um pau só, por um lado se relacionam às restrições da legislação ambiental para extração da matéria prima de origem vegetal. Por outro lado, o desmatamento, grande impulsionador das mudanças climáticas, reflete nessa

8A Comissão PCI contou com a atuação de, aproximadamente, 25 pescadores e pescadoras artesanais. A pesquisa totalizou 100 horas de reuniões, disposta em 30 encontros, entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017.

prática cultural, reduzindo a disponibilidade de espécies de árvores nativas para produção e manutenção do modo de fazer a canoa – as quais poderiam ser usadas em caso de estarem mortas naturalmente. Dessa maneira, a reprodução cultural desse item junto ao grupo é comprometida, para além dos fatores intergeracionais relacionados ao repasse das práticas e técnicas associadas a esse bem cultural.

A pesca artesanal tradicional para ser realizada necessita de um conjunto de objetos, para além das técnicas de pescar e o conhecimento sobre os rios e peixes, tais como os barracos, os tabuados, o anzol de galho, o conjunto pendura, pendurinha e pendurão e a canoa de um pau só, essa em quase desuso por diversos fatores, em especial pela dificuldade de extração de matéria prima para sua produção (SILVA, 2023). Para o pescador Lourenço Pereira Leite, empreendimentos como hidrelétricas e portos e o aumento do agronegócio no Pantanal, podem representar o fim de uma cultura, “a cultura da pesca”.

O levantamento de dados sobre a canoa de um pau só, realizados com Lourenço, utilizou como aporte metodológico o *Manual de Aplicação do Programa Mais Educação do IPHAN* (2013), em relação aos quesitos contidos na categoria “ficha de objetos”, a qual seguem duas linhas de questionamentos: i) identificação: nome, imagem, o que é, onde está, períodos importantes, história, significados; ii) descrição: pessoas envolvidas, materiais, técnicas ou modos de fazer, medidas, atividades relacionadas ao objeto, manutenção, conservação, avaliação. O conhecimento de Lourenço sobre a canoa de um pau só é parte substancial sobre um período histórico por ele conhecido e vivenciado, entre a segunda metade do século XX e início do XXI.

Lourenço Pereira Leite se autodeclara pescador profissional tradicional, de terceira geração, e pantaneiro, possuindo ascendência materna indígena guató e paterna afrodescendente.⁹ Atualmente reside na cidade de Cáceres, Mato Grosso, situada no Pantanal Norte. De acordo com os seus relatos, ele aprendeu a confeccionar a canoa de um pau só com seu pai, o senhor Ambrósio, o qual, segundo o nosso interlocutor, teria aprendido a técnica na Fazenda Porto do Campo, localizada à margem do Rio Sepotuba.

Lourenço nasceu em oito de agosto de 1970, em uma comunidade na margem do rio Paraguai chamada “Pedras”, em Cáceres-MT. Nessa comunidade residiu até 1995, quando sua família foi despejada em razão de uma sentença

⁹As entrevistas com Lourenço Pereira Leite foram realizadas entre os anos de 2021 e 2023, na cidade de Cáceres-MT, e integram a tese de doutorado *Memórias de Lourenço: aterros, territorialidade e patrimônios culturais no Pantanal* (ver: SILVA, 2023).

judicial relacionada à grilagem de terra, processo iniciado em 1985, passando a residir na zona urbana do município de Cáceres. A remoção forçada, quando relacionada aos seus saberes e vida, mostra a existência de patrimônios dissonantes, sombrios, difíceis e de dor (MENEGUELLO; BORGES, 2018). Dessa forma, a trajetória do conhecimento das técnicas para confecção da canoa de um pau só foi ampla para Lourenço. Suas experiências partem de um processo de formação desde criança, na década de 1970, até a fase adulta, durante o período em que permaneceu no local onde nasceu, no rio Paraguai. A sua atuação nessas produções foi, na maior parte das vezes, como ajudante de seu pai – mestre Ambrósio, embora, em uma circunstância tenha feito uma canoa com seu irmão José Heleno, sem o auxílio do seu genitor.

Saberes e fazeres, remoções forçadas e patrimônios sensíveis

A última vez que Lourenço utilizou esse tipo de canoa foi entre os anos de 1995 e 1996, posterior à remoção do local onde vivia com sua família. Ele esclareceu que, mesmo após a remoção, sob ameaças e por necessidade, sua família frequentava o lugar onde moravam e pescavam. Isso ocorria para “comerem a semana toda” na cidade, chegavam na madrugada, pescavam durante o dia e saíam de madrugada. Nessas oportunidades, o interlocutor e sua família usavam três canoas, deixadas no local onde moravam para continuar pescando após a remoção. Foram elas destruídas pelo novo proprietário da fazenda, com a finalidade de impedir que eles voltassem ao lugar e as utilizassem. Fato é que, nessas ocasiões, a família de Lourenço aproveitava para também colher cará, que haviam plantado para fazer a “mistura” com o peixe (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 348). O patrimônio cultural e a territorialidade são aspectos marcantes da relação com a canoa, para além disso, a subtração desse bem cultural e da própria existência acabou afetando negativamente a segurança alimentar, para além de outros fatores, incluindo os psicológicos.

Lourenço afirma que, para a confecção de canoas, sua família utilizava como instrumentos de medida o cipó de imbé e uma garrafa branca, essa última funcionava como nível. Não usavam a trena, o metro, o compasso e o nível. O cipó e o nível permitiam traçar as linhas (no total 25, sendo uma a linha mestre) necessárias para realizar os cortes da canoa (VICTORINO, 2013; NÉMETH, 2011). Quanto à matéria-prima, as linhas, feitas de algodão, eram embebidas em substâncias associadas à sua capacidade de perenidade e que, segundo seu pai, o senhor Ambrósio, tinham duas

denominações: i) as de urucum e jenipapo, que produzem a "linha correta" e permanente; ii) a de carvão amassado, a "linha mentirosa", que borra. O alinhamento de jenipapo era "bem fixo", resistente à água da chuva. O pai de Lourenço não recomendava acompanhar a linha mentirosa para "bater o machado", mas, caso isso ocorresse, o corte deveria ser feito "um pouco acima da linha", para evitar um erro incontornável (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 368).

Outra forma de confecção da produção da canoa de um pau só, conhecida e usada por seu pai, e que Lourenço acompanhou o fazer por três vezes, denominava-se "canoa de fogo". A técnica era a mais primordial para manufatura dessa embarcação, de longuíssima duração e com o uso do fogo, que tinha como propósito auxiliar e facilitar a etapa de escavação, em outras palavras, a debitagem ou extração interna da madeira do tronco. Dessa maneira, criava-se a cavidade necessária para transformar o tronco da árvore em canoa, desde a época em que as ferramentas de metal não existiam. Essa técnica é comprovada por meio de fontes documentais e iconográficas (ALVES, 2013; LINS JÚNIOR 2015).

Segundo Lourenço, a diferença entre a canoa de fogo e aquela exclusivamente escavada está na durabilidade superior da primeira. O modo de fazer desta última era semelhante à da primeira, o tombamento, as medidas e linhas e o tronco escavado, mas sem o efeito do fogo. Contudo, o processo da primeira era mais "demorado", pelo fato de que o "fogo não podia ser muito, tinha que ir devagar [...] ficar cuidando e ia escavando". De forma alguma, podia haver excesso de fogo, o qual era colocado e retirado. Trata-se de uma técnica semelhante ao fazer o pilão e a gamela, objetos também confeccionados pelo senhor Ambrósio, aproveitando as sobras das madeiras. A durabilidade do pilão feito com fogo é igualmente maior que aquele apenas "cavado" (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 382).

O uso do fogo para fazer canoa de fogo era paulatino e localizado, sendo colocado "nas partes", e Ambrósio utilizava, com bastante frequência, a taquara seca para queimar. A sequência era a seguinte: coloca o fogo, apaga o fogo, "cavouca" a madeira, coloca fogo em "outro pedaço", "cavouca" e apaga novamente. Essas etapas tornavam o processo moroso (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 382). O objetivo dessa técnica de queima era "tostar a madeira", aumentando-lhe a durabilidade, e obter resultado estético marcante, apesar de tornar o trabalho com a madeira mais árduo. Em suas palavras:

[...] a canoa fica meio manchadona e bonita[...], mas ela não cava fácil, porque ela vai tostando a madeira. [...]fica meio brilhosa, nunca fica uma canoa branca, fica assadinha, tostada, que nem chifre, quando fica alumiando, parece que esfregou um trem nela, muito bonita, é trabalhoso, mas dura bastante (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 382).

Enquanto uma “montaria boa, de 4,5 m”,¹⁰ a “canoa cavada” demorava uma semana para ser feita, e a de fogo levava um tempo maior. A diferença temporal entre a confecção das canoas não se deve apenas aos processos de queimar e escavar a madeira, como podemos observar no relato abaixo sobre o modo de produção realizado por seu pai, Ambrósio.

Não fazia de madeira verde, meu pai derrubava na mingunte, três dias depois da mingunte de agosto. Esperava-se a hora que caíssem todas as folhas, derrubava ela (a árvore) e não fazia o apartamento, que era no machado, era o dia inteiro para fazer, você derruba, aí tem que torar ele (o tronco) retinho, não é muito difícil torar no pé, que normalmente é mais grosso. Dá mais trabalho, é o dia todo para fazer o acabamento de uma tora, aí que você vai tratar. (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 382).

O uso do fogo ocorria apenas cento e vinte dias depois de se “tombar” a árvore, porque, segundo o interlocutor, isso facilitava a queima da madeira, pelo fato do tronco estar seco. A canoa confeccionada com uma madeira retirada na fase lunar adequada, como o cedro e a araputanga, mais conhecida por mogno, por exemplo, poderia durar mais de dez anos de uso e, quando feita com o fogo, esse tempo poderia ser dobrado, chegando a vinte anos de uso (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 383).

Os apontamentos do interlocutor sobre a produção das canoas com o uso do fogo dizem respeito aos seguintes aspectos: a similaridade com outros objetos, utilizando-se a mesma técnica; a forma de utilização do fogo; a matéria-prima adotada para combustão e queima; a estética, a durabilidade, os ciclos naturais e lunares como fatores de influência. Sobre o último aspecto, os ciclos naturais, tratam-se de um tempo cíclico, que não se refere àquele marcado nos relógios, nem a uma cronologia temporal linear. Por esse motivo, as chuvas, a estiagem e a seca, o nível dos rios e os ciclos da lua regulavam a vida das pessoas em um sistema anual, condicionado às alterações naturais. Com relação a tais elementos, é evidente a influência de fatores ambientais, ecológicos e simbólicos (EVANS-PRITCHARD, 1999) que, no contexto de

¹⁰Denominação do interlocutor para canoa utilizada apenas para pescar.

Lourenço, somam-se aos políticos, no que tange, em especial, ao processo de desterritorialização sofrido por ele, sua família e comunidade com a qual estabeleciam suas relações sociais. Isso porque a remoção do lugar onde viviam alterou e, em larga medida, suprimiu o sistema no qual viviam.

Os fenômenos naturais mostram uma dimensão cíclica, com a qual combinam atividades e tarefas a serem desempenhadas no tempo e no espaço, as funções motoras e os movimentos corporais que norteiam estruturalmente a vida social em comunidade (INGOLD, 2012). Tal constatação é identificada entre os mestres construtores das canoas em relação à cadeia operatória dessa atividade, na qual a “[...]cadeia operacional está presente na mente [...]”, seguindo “[...] todas as sequências no melhor ritmo”. Nesse sentido, a cadeia operacional esclarece fatos, como a especialização e condições sociais de trabalho (BALFET, 1991, p. 13).

Em termos teóricos, é importante destacar que a produção da canoa de um pau só corresponde à concepção de técnica. Essa perspectiva é compreendida como ato transformador da matéria em outra coisa (MAUSS, 2003), pensamento corroborado por Leroi-Gourhan (2002), ao ressaltar que a técnica é a conversão e transformação inerente do ator, a ligação entre o agente, o ambiente e os recursos naturais existentes. Para esse arqueólogo, o gesto humano e a ação dos artefatos são indissociáveis, sobretudo pelo fato de que a técnica é um ato essencialmente humano, sobre a qual podemos dizer que a ferramenta existe em razão do gesto, é uma forma de conexão e escolha técnica. Mauss (1991) influenciou autores como Creswell (1996) e Lemonnier (2013), para os quais o corpo é considerado concomitantemente objeto técnico e meio técnico. A antropologia da técnica analisa a transformação e a ação que o corpo efetiva sobre a matéria e a materialidade que fazem parte das sociedades e da vida humana (INGOLD, 2000; TAVARES DE PINHO, 2019).

A memória social é o que possibilita ao ser humano o advento da cadeia operatória e, por conseguinte, a composição de atos mais sofisticados e complexos, como evidenciam as narrativas apresentadas por Lourenço. O fazer a canoa de um pau só altera o tempo e o espaço do grupo social e dos mestres envolvidos nesse processo, implicando na alteração da rotina e do ritmo de vida do grupo. Essas mudanças ocorrem porque o saber condiciona o fazer, os fatores ecológicos e as técnicas adotadas para a transformação da matéria influenciando, assim, a estruturação do indivíduo socialmente, por meio de práticas (BAUDRILLARD, 2012; TAVARES DE PINHO, 2019).

A narrativa de Lourenço sobre o modo de fazer a canoa de um pau só envolve todo o processo de sua confecção, desde a observação do melhor tronco, o cipó para as medições e as ferramentas utilizadas, assim como as rezas e os pedidos, antes de sair de casa, para que o trabalho fosse bem-sucedido. As técnicas e os costumes são praticamente os mesmos, desde os mais remotos tempos, tendo sido o nível adaptado com uma garrafa, e os outros instrumentos industriais implementados, como o trado e o formão, inovações em termos de ferramentas para o manuseio da matéria-prima no processo técnico da cadeia operatória.

Lourenço ressaltou pontos relacionados à confecção, qualidade e comercialização da canoa de um pau só. Enfatizou, igualmente, que realizavam, de forma constante, o plantio de mudas de árvores que seriam destinadas para produção da canoa, em outras palavras, o manejo sustentável. Segundo seus relatos, ajudou seu pai a “fazer mais de vinte canoas”, as quais eram trocadas “por serviço, às vezes, ele [o sr. Ambrósio] deixava de fazer alguma coisa e sabia que o pessoal ia fazer, sabiam que ele fazia [a canoa] bem feita e ele dizia “eu vou lá fazer e trocava o dia” (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023). No entanto, por vezes, fazer a canoa tinha por finalidade ajudar aqueles que chegavam na região e não possuíam esse meio de transporte.

Algumas canoas eram levadas “para vender na cidade, três e até quatro canoas”. Elas eram vendidas e seguiam repletas de “trem, coisas e mantimentos” para aproveitar o deslocamento e também serem comercializados. As embarcações eram adquiridas por dois comerciantes que as revendiam, sendo eles os senhores Modesto e Totozinho, este último morador na Rua da Manga, e que também “comprava poaia, [...], comprava de tudo, mel [...]” (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 371). Os peixes da espécie pacu eram trazidos ainda vivos para serem comercializados na cidade com o senhor Jacobina, que possuía um estabelecimento na Praça Major João Carlos. Os peixes eram colocados dentro de jacás confeccionados pela mãe de Lourenço, Maria Severina, os quais, de forma equilibrada, seriam fixados nas laterais da canoa.

A estratégia de pesca associada a esta canoa denomina-se “carrerear”, bem como, nomeia os territórios tradicionais de pesca, denominados “estirão de carrerear”. Essa técnica consiste em jogar a linha em frente ao barco e remar com as mãos “[...] era só com a posição da canoa de polpa para cima e a proa para baixo [...] O carrerear acabou, pois é uma forma bastante exigente, tem que ser canoa pequena para controlar certinho, normalmente, era canoa de um pau só” (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 167).

O significado da canoa de um pau só para o nosso interlocutor evidencia afeto, reconhecimento, sensações, emoções, vivências, experiências e usos, conforme afirmação, a seguir

A canoa, para mim, que ainda sou apaixonado por ela, e nasci, bem dizer, dentro de uma canoa, ela é o braço, a mão, a perna, é tudo para mim. Era com isso que nos locomovíamos, pensávamos, tirávamos o sustento, era de dentro dela, navegava, andava para tudo que é lugar para dar acesso a outros territórios, era nela, na canoa, para mim é tudo isso. (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 390).

As práticas e os sentimentos que permeiam a construção da canoa ficam evidentes na resposta acima, dada pelo interlocutor, para a pergunta: o que é a canoa de um pau só?

Salvaguardas, crise climática e restauração florestal

No tocante ao acautelamento do modo de fazer a “canoa pantaneira”, conforme a denominação de seu registro como patrimônio de natureza imaterial em nível estadual, a Superintendência de Preservação do Patrimônio Histórico e Museológico da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso - SECEL/MT, informou não haver um plano de salvaguarda deste bem cultural, contudo, ressaltou existir diálogos e interesse para que isso ocorra (SECEL, 2022). Entre os entraves para a salvaguarda da canoa, podemos citar: os aspectos que envolvem a extração de madeira para sua confecção; a falta de informações sobre os detentores desse saber fazer no Pantanal; o envelhecimento e falecimento dos mestres.

Sobre o primeiro ponto, a extração de madeira, uma das alternativas cogitadas é a produção de mudas em escala industrial e o plantio “ao longo do ano, em grandes eventos, em datas festivas (cívicas e religiosas), com ações de educação patrimonial, em locais degradados de margens de rios e matas tradicionais” (SECEL, 2022, p.1). Considerando as espécies de árvores utilizadas para confecção da canoa de um pau só, uma possibilidade imediata é o uso daquelas já mortas, desde que haja a necessária comunicação para as instituições responsáveis. Em Cáceres, os grandes incêndios de 2020 ocasionaram a queima e a morte de várias espécies. Lourenço situou três baías onde isso ocorreu – Baía da Taquara, Baía do Barreiro e Baía Central – nas quais, em suas palavras, “tem muita madeira morta na beira do rio que dá para

fazer canoa”, como guanandi e cambará, e sobre a durabilidade da primeira espécie citada afirmou que:

É pau para toda a vida rapaz, fazer uma canoa de guanandi bem feita, com aquela que está no seco, vai ter madeira para pescador por séculos e séculos, porque a gente vai ter que tomar cuidado com elas, acabar de usar e pôr para dentro de casa. (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 426).

Nesse sentido, duas perspectivas são lançadas: o uso e aproveitamento dos troncos das árvores mortas; a indicação de lugares que demandam restauração vegetal, caso o plano de produção das mudas aventado pela SECEL se cumpra. Sob outro aspecto, a revitalização do uso da canoa de um pau só possui relação com as mudanças climáticas ou crises climáticas, em decorrência do efeito das chuvas descontroladas e concentradas, que sujam as águas, por esse motivo os peixes se deslocam para dentro das matas. Com propósito de contornar a situação, a realização da pesca no interior das matas torna-se pertinente, e com “a canoa de um pau só é muito melhor, não faz barulho, desliza mais fácil no mato, ela é muito mais viável” (LEITE, 2022 apud SILVA, 2023, p. 415).

Musealização e patrimônio reivindicado

Em novembro de 2023, a Colônia Z-2 de pescadores de Cáceres-MT, por meio de sua presidência, doou para o “Museu Histórico Municipal de Cáceres, Emilia Darci de Souza Cuyabano”, dois remos, três varas de pescar e uma canoa de um pau só, essa última pertencia a Adão Eustácio de Moraes. No Termo de Doação, a informação do referido bem cultural acautelado em nível estadual refere-se a quem pertencia. É importante destacar que em Cáceres essa é a única canoa de um pau só, que temos conhecimento atualmente, utilizada para navegação.

Por ocasião das pesquisas realizadas pela “Comissão de Registro de Saberes Imateriais dos Pescadores e das Pescadoras Tradicionais no Município de Cáceres” outras informações foram coletadas. Os levantamentos realizados voltam-se ao contexto da doação, para um novo referencial, e ao “olhar museológico” sobre o qual é essencial (MORAES WICHERS, 2014) enfatizar

1º) identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio. 2º) desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em

herança e contribua para a construção das identidades (BRUNO, 1996, p. 10).

Nesse contexto, levantou-se que a canoa doada possui mais de sessenta anos, transportava até “cem quilos ou cinquenta peixes da espécie pacu”, a madeira utilizada foi a araputanga e teria sido confeccionada por Manoel Conceição, antigo morador da Comunidade do Alegre, localidade onde morou os avós paternos e os pais de Lourenço. Anteriormente a Adão, a canoa teria sido presenteada por “Xodão” ao seu irmão, à época com oitos anos de idade.

Na ocasião da pesquisa realizada pela referida “Comissão”, diversas questões e reivindicações foram apresentados por pescadores e pescadoras, sobre as quais “situações de contato muito específicas” voltaram-se para debates associados às relações de poder existentes e que fazem parte da historicidade do grupo da pesca. Tal perspectiva remete a ideia de que “noções de troca, justiça e reciprocidade” foram fatores associados à “luta e negociação”, que possibilitaram a criação da “Comissão” e realização de diversos inventários (ver: CLIFFORD, 2016, p. 7). Em outras palavras, a canoa de um pau só evoca os problemas referentes a perdas de território, supressão da qualidade ambiental e restrições em face à atuação de órgãos de regulamentação.

A perspectiva da canoa de um pau só como parte de um acervo de museu deve vincular-se de forma intensa e interativa ao seu grupo social. Urge a necessidade de estabelecer vínculos e parcerias com os diversos profissionais do museu para defesa de seus interesses. A museologia deve ocupar um espaço de excelência nesse processo. O levantamento sobre a canoa é parte de um contexto maior acerca de um inventário de patrimônio imaterial da pesca tradicional e artesanal da cidade, pesquisa essa que relaciona em grande parte, aspectos ambientais e patrimoniais. Devido a essa situação, é cabível conceber uma agenda complexa e diversificada, a qual agregue outros elementos da cultura da pesca local, como várias narrativas, práticas culturais diversas, festas, músicas e danças, ficando a indagação sobre o que caberia ao museu privilegiar e associar a canoa. E ainda, não dissociado desse contexto, a perspectiva de compor um acervo da pesca artesanal.

A canoa de um pau só como patrimônio cultural e recentemente, como parte do acervo do Museu Histórico de Cáceres, acrescido das informações coletadas nas narrativas de Lourenço, demonstram relações entre pesquisado e pesquisador.

Dessa forma, evidencia-se a “presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam” (PRATT, 1999, p. 32), contextos estes que devem nortear as relações entre a canoa e o Museu Histórico de Cáceres.

Nunes (2003) afirma que esse grupo social situa perspectivas, desejos e vontades para construção de um imaginário, em que pese suas particularidades sociais e culturais. O intento é engendrar uma memória que, constantemente, e por diversas vezes, é construída e se fixa, por meio de esquemas atemporais das representações e narrativas a ela associadas. Tal acepção considera, em especial, a formação de artefatos como objetos de memória, os quais são detentores de valor simbólico-narrativo e tendem a incorporar valores coletivos.

Os museus se perfazem e se reconfiguram na sociedade, buscando motivar a memória na composição da identidade, não apenas expressando um passado, mas se preocupando com a salvaguarda da cultura de um local. O museu, como espaço, tem por propósito requerer o componente imaterial referente ao tempo e socialmente constituído na elaboração e constituição das representações. Em outras palavras, não se trata unicamente da materialidade, mas, também, o imaterial, este como sustentáculo e revelação de períodos e tradições (GARRIDO, 2014).

Os museus, igualmente, devem ser expressão das mudanças, heranças contidas e contribuições existentes, no caso explicitado, representativo da relação entre o rio e as comunidades. Dessa maneira, inculcando “em expressões, materiais ou simbólicas” na relação entre tempo e espaço. O objetivo dos museus, nesse contexto, é a preservação da memória em sua vinculação com a identidade, herança cultural, história e sociabilidades das comunidades em sua fundamentação como patrimônio e preocupado com o território (RIBEIRO, 2016, p. 90).

A doação da canoa de um pau só e, conseqüentemente a sua institucionalização no Museu Histórico de Cáceres deve ter ocorrido, por um lado, para procurar garantir a integridade física do objeto, por outro, a própria razão social do museu. Mas, certamente reporta-se ao fato de ser um verdadeiro patrimônio cultural reivindicado, conforme visto ao longo do texto, além de acautelado. Por sua vez, a canoa de um pau só como parte do acervo do museu demonstra grande potencial para divulgar os saberes, os fazeres e a história do grupo social de pescadores e pescadoras locais. Evidencia, igualmente, a necessidade de reparação histórica associada ao patrimônio cultural em museus, por meio de ações que

fomentem a (re)construção e (re)elaboração de narrativas alternativas sobre identidades culturais locais e a escuta atenta das reivindicações dos detentores desse saber e da própria comunidade. Dessa maneira, a incorporação, a preservação e o futuro da canoa de um pau só no museu trará informações e significados para “conhecer as formas, as apropriações e como as pessoas enxergam o passado, hoje” (RIBEIRO, 2017, p. 286).

Considerações finais

O fazer a canoa de um pau só demonstra uma infinidade de singularidades culturais, as quais não são evidentes, difundidas ou recorrentes no mundo contemporâneo, representando uma forma autônoma e diferenciada de coexistir no mundo ocidental. Os desafios impostos para sobrevivência e reprodução das manifestações culturais intrínsecas à existência da canoa, estão relacionados ao fato desse conhecimento deixar de ser praticado ao longo do tempo. Dessa maneira, as sociabilidades, a coexistência holística e sustentável com os lugares e o ambiente serão, paulatinamente, desabilitadas para essa prática do saber, fazer e usar a canoa. Isso ocorre em razão de um mundo crescentemente mercantilizado, desterritorializado para as comunidades e com regramentos legais, que espoliam grupos sociais de seus modos e formas de viver.

Avaliamos que a perda territorial, associada às manifestações e práticas culturais tradicionais, fundamentam continuidades, descontinuidades, mudanças e rupturas no processo de transmissão dos conhecimentos, saberes e fazeres de práticas culturais. A compreensão da dimensão territorial e ambiental do patrimônio cultural é uma das chaves para refletir sobre a salvaguarda da canoa de um pau só. Assim como outros bens culturais relacionados às comunidades tradicionais do Pantanal brasileiro, a canoa de um pau só carece de pesquisas, inventários, registro, instrumentos de proteção e gestão pública, que garantam a sua salvaguarda. Nessa perspectiva, reforçamos que urge a necessidade de articulação entre universidades, comunidades, instituições públicas diversas e organizações da sociedade civil, para a efetivação de ações comunitárias que visem a reparação de direitos e a manutenção e continuidade dos saberes sobre a canoa de um pau só no Pantanal.

Referência bibliográficas

ALVES, Francisco J. S. A tradição monóxila náutica em Portugal e no Brasil: achegas para um debate sobre problemáticas comuns. In: CAMPOS, Juliano Bitencourt; ZOCHE Jairo José; CEREZER, Jedson Francisco e OOSTERBEEK, Luiz Miguel (Orgs.), *Arqueologia Iberoamericana e Transatlântica: Arqueologia, Sociedade e Território*. Instituto Terra e Memória (ITM) e Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Habilis Editora, Erechim, RS. 2013. p. 263-297.

AREIAS COSTA, Manuela, SILVA, Luciano P. Mudanças climáticas e patrimônio cultural de povos indígenas e comunidades tradicionais no Pantanal. *Patrimônio e Memória*, Assis, UNESP, v. 17, n. 2, p. 103-123, julho-dezembro de 2021.

BALFET, Hélène. Des chaînes opératoires, pour quoi faire? In: BALFET, Hélène. *Observer l'action technique: des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris: Centre National de la Recherche. p. 11-19. 1991.

BRUNO, M. C. O. 1996. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. *Cadernos de Sociomuseologia*, n.9. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.1996.

CLIFFORD, James. Museus como zonas de contato. *Periódico Permanente*.n.6, fev.p.1-37, 2016.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. In: SAUTCHUK, Carlos E. (Org.). *Técnicas e transformações: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017. p. 495-475.

CRESWELL, Robert. *Prométhée ou Pandore? Propos de Technologie Culturelle*. Paris: Éditions Kimé, 1996.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os Nuers: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva,1999.

GARRIDO, Álvaro. (2014). Ser do mar: O Museu Marítimo de Ílhavo como lugar de projeto. In: *Revista do Patrimônio*, n.º 2 (Nov. 2014), p. 126-131. 2014.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and Skill*. London, Routledge. 2000.

IPHAN. Museu do mar: São Francisco do Sul - SC. *Série Preservação e Desenvolvimento. Monumenta*. Brasília: IPHAN, 2008.

IPHAN. *Manual de aplicação: Programa Mais Educação*. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.

LEMONNIER, Pierre. Cadeias operatórias míticas. In: *Amazônica: Revista de Antropologia*, Belém, v. 5, n. 1, p. 176-195, 2013.

LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra 2*. Lisboa: Edições 70. 2002 [1965].

LINS JÚNIOR, Hamilton Marcelo Moraes. *Arqueologia marítima: a evolução da canoa monóxila em Pernambuco, Brasil (séc. XVI – XX)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife, 2015.

MAGALHÃES, Magna Lima. *Payaguá: Senhores do Rio Paraguai*. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 1999.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2003 [1934].

MAUSS, Marcel. *Techniques, technology and civilization*. New York: Durkheim Press/Berghahn Books. 1991.

MENEGUELLO, Cristina; BORGES, Viviane. Patrimônio, memória e reparação: a preservação dos lugares destinados à hanseníase no estado de São Paulo. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 2, p. 345-374, julho-dezembro, 2018.

MORAES WICHERS, Camila. A. de. Dois enquadramentos, um mesmo problema: os desafios da relação entre museus, sociedade e patrimônio arqueológico. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, p. 16–39, 2014.

NÉMETH, Peter Santos. O feitio da canoa caiçara de um só tronco: A cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas. *Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN*. São Paulo: IPHAN, 2011.

NUNES, Francisco Oneto. O trabalho faz-se espetáculo: a pesca, os banhos e as modalidades do olhar. *Etnográfica*, v. VII, n.1, p. 131-157, 2003.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Da invisibilidade à visibilidade da história do povo Guató no Pantanal. *Tellus*, Campo Grande, ano 23, n.51, 2023.

PRATT, Mary Louse. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. de Jésio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

RIBEIRO, Camila Rios Graça. *Patrimônio, Memória e Identidades Marítimas. Proposta de Implantação de um Museu Digital Marítimo para o Extremo Oriente das Américas–Paraíba/Brasil*. Dissertação de Mestrado em História, Especialização em Museologia - Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Universidade de Coimbra, 2016.

RIBEIRO, Diego Lemos. Dados científicos e a sociedade: reflexões sobre algumas credences patrimoniais. *Revista Arqueologia Pública*. Campinas, SP v.11 n.2 p. 264 Novembro/2017.

SECEL. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso. Superintendência de Preservação do Patrimônio Histórico e Museológico. *Parecer Técnico para tombamento da Canoa Pantaneira n. 011/2010*. 2010.

SILVA, Luciano P. *Memórias de Lourenço: aterros, territorialidade e patrimônios culturais no Pantanal*. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, 2023.

STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

TAVARES DE PINHO, Luís Miguel. *Individuação técnica: estudo antropológico sobre técnicas de construção de canoas de borda lisa na Costa da Lagoa, Florianópolis/SC*. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2019.

VANGELISTA, Chiara. Payaguá. In: Chamorro, Graciela & Combès, Isabelle (Org.). *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados, MS: UFGD, p. 147-156. 2015.

VANGELISTA, Chiara. Os Payaguá e o Rio Paraguai: uma fronteira étnica aos limites dos impérios ibéricos. *Revista Eletrônica Documento Monumento*. NDHIR. Universidade Federal de Mato Grosso, v. 3, n. 1, p. 136-149, dez. 2010.

VICTORIANO, Celso Ferreira da Cruz. *Manaã: Etnomatemática e o Saber Cultural do Pantaneiro Construtor de Canoas*. Curitiba: Editora CRV. 2013.

WAGNER, Gustavo. SILVA, Lucas. Pesca historicizada. In: SILVA, L.; WAGNER, G. *Imagens da Pesca: Uma Etnografia Arqueológica na Região das Lagoas do Rio Grande do Sul*. Madrid: JAS Arqueológica, 2022.